



Memórias do Exílio: os uruguaios em Rio Grande e Pelotas no começo dos anos 1970.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi ¹; TEIXEIRA, Vanessa Barrozo ².

¹ Orientadora do Projeto – Instituto de Ciências Humanas/UFPel –
leticiamazzucchi@terra.com.br

² Bolsista pelo CNPq; Acadêmica do Curso de Bacharelado em Museologia –
Instituto de Ciências Humanas/UFPel – vahteixeira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A palavra *exílio* sempre foi definida como alguma punição para aqueles que violavam leis e que deveriam ser condenados ao ostracismo, afastamento da vida social (GUINSBERG, 2005). Nessa pesquisa buscamos recuperar essas experiências vividas no exílio, as formas pelas quais elas aparecem na narrativa oral e as estratégias utilizadas pelos sujeitos para reinventar uma identidade em terra estrangeira.

Assim, o projeto aqui apresentado tem por objetivo recuperar a história de uma comunidade, denominada por nós, pesquisadores, como “comunidade de destino”, formada por uruguaios que se deslocaram para as cidades de Rio Grande e Pelotas no início dos anos 1970. Através de levantamentos realizados, através de entrevistas e de pesquisa bibliográfica, sabe-se que fundamentalmente foram duas as razões que acarretaram a vinda dos uruguaios para Rio Grande e Pelotas: a primeira pode ser considerada de natureza política, devido ao período de repressão militar decorrente da ditadura uruguaia, e a segunda de natureza econômica, ainda que não possam, efetivamente, ser compreendidas em separado.

Durante muitos anos o Uruguai ficou conhecido como a “Suíça da América Latina”, um país próspero, tranquilo, que contrastava com o que ocorria no restante do continente. No entanto, com a concorrência mundial, seus produtos de exportação acabaram sendo batidos pelo mercado externo e os movimentos operários, principalmente o de trabalhadores agrícolas, deram início a um período de revolta dentro do país. Em 1971, com a vitória do candidato Juan Maria Bordaberry, inicia-se a guerra contra os Tupamaros, o controle crescente dos militares sobre o aparelho de Estado, e finalmente, ocorre o golpe de Estado em junho de 1973 (MORAES, 2001).

Ao virem para o Brasil, esses uruguaios passam por um processo de mudanças sociais, econômicas e políticas, confrontando-se com uma realidade

diferente da vivenciada anteriormente. Apesar do Brasil também se encontrar em um período de ditadura Militar, muitos acreditam que isso não os afetou em nada comparado ao que se passou durante a ditadura uruguaia. Esse choque cultural acarretou em inúmeras transformações de histórias de vida, as quais, através desta pesquisa, buscamos compreender. Aqueles que participaram ativamente, outros que mal sabiam o que se passava, outros que viram o terror de perto. Assim construímos um *corpus* documental capaz de dar voz a uma comunidade silenciosa e que tem muito para contribuir e enriquecer a história de dois contextos dos quais pouco se sabe, a ditadura Uruguaia e o exílio no Brasil, com ênfase nas cidades de Rio Grande e Pelotas. Serão também analisadas como essas identidades, fragmentadas pela situação de exílio, são reconstituídas em terra estrangeira, abordando os “nichos identitários” que aqui se formam, tais como os grupos de convivência e a manutenção dos hábitos culturais uruguaios.

2. MATERIAS E MÉTODOS

Inicialmente foram realizadas as primeiras entrevistas com alguns exilados uruguaios que ainda vivem em Rio Grande e Pelotas e que possuíam papéis importantes na constituição da Fundação Universidade do Rio Grande, através da implementação de vários setores na Faculdade de Medicina e nos laboratórios de Bioquímica, Fisicoquímica, entre outros.

Na segunda etapa foram realizadas novas entrevistas com os uruguaios residentes na cidade de Pelotas. Com essa etapa foi possível descobrir grupos, dentro da comunidade uruguaia pelotense, que mantêm entre si contato constante, com o objetivo de não perderem sua identidade, mesmo estando em um país diferente.

As entrevistas são feitas com o auxílio de um gravador digital e de um bloco de anotações, o pesquisador leva sempre consigo um questionário base, no entanto, novos questionamentos sempre surgem durante o levantamento da entrevista. Dentre algumas questões abordadas, estão as razões que levaram o entrevistado a vir para o Brasil, como era o Uruguai às vésperas do golpe, os movimentos populares, como os Tupamaros eram vistos, os militares, a vida no Brasil, as semelhanças e diferenças, etc.

Foram realizadas as transcrições de todas as entrevistas, nas quais foi possível obter dados relevantes para a pesquisa, elementos fundamentais para a compreensão desse deslocamento.

A bibliografia utilizada serve como suporte na compreensão de cada experiência relatada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os uruguaios entrevistados até o momento englobam desde médicos, até profissionais liberais, passando por professores, arquitetos e funcionários públicos. Esses uruguaios vão se apresentar como uma comunidade de destino à medida que compartilham a mesma situação de desterro e, na maior parte dos casos, são grupos que vieram em conjunto ou com suas famílias.

Importante ressaltar que o Brasil vivia uma ditadura militar nesse começo dos anos 1970, época de desenvolvimento das Universidades do Rio Grande e Pelotas. No caso da FURG, é aprovado, em 1969, o Estatuto da Fundação Universidade do Rio Grande como entidade mantenedora da FURG e em 1971 é reconhecida a Faculdade de Medicina do Rio Grande, através do decreto Nº 68.306, em 2 de março, passando, em 29 de outubro do mesmo ano, a integrar o complexo universitário, conforme rezava o Decreto Nº 774 que instituíra a Universidade. Em 1972 assume a Reitoria o Prof. Eurípedes Falcão Vieira (já entrevistado), e será justamente em sua administração que ocorrerá a maior incidência de professores uruguaios contratados, provenientes da Universidad de La Republica em Montevideo. Com esse projeto de pesquisa será possível reconstituir a trajetória desses professores desde o país de origem até o cenário local das Universidades envolvidas. Além de compreender como se processou essa vinda para o Brasil, quais foram os elementos facilitadores e os interesses que estavam em jogo.

Muitos uruguaios também vêm para o Brasil em busca da garantia profissional, concluindo seus cursos superiores e logo ingressando no mercado de trabalho. A pesquisa visa formar um corpus documental composto por narrativas orais e documentos que possam ser encontrados ao longo da investigação, que possuem o intuito de dar visibilidade a essa “comunidade de destino” que, ao longo desses mais de trinta anos, coexistiu como uma realidade paralela à vida acadêmica e profissional dos sujeitos envolvidos.

Ao todo, já foram realizadas e transcritas doze entrevistas. Depois da análise das entrevistas, estão sendo desenvolvidos eixos teóricos específicos, como modo de compreender os meios de adaptação e de mudança ocorridos até então.

- 1- Memória e esquecimento no processo de construção de identidades em exílio
- 2- As noções de pátria/país articulando estratégias de sobrevivência e adaptação
- 3- Ritmos e ressonâncias nas narrativas: os tempos do Uruguai e o tempo no Brasil
- 4- Formas de reinvenção do cotidiano no país de exílio
- 5- El Departamento 20: origens, a forma como se manifesta em Pelotas, as inclusões/exclusões apontadas pelos informantes.
- 6- O retorno ao Uruguai e a problemática reconstrução de redes e identidades.
- 7- As “reuniões de sextas-feiras” ou “la cena de viernes con los uruguayos”: redes densas, formas de sociabilidade, nostalgia, a memória como sobrevivência no presente.

4. CONCLUSÕES

Até o seguinte momento, podemos concluir que existe uma comunidade muito significativa de uruguaios nas cidades de Rio Grande e Pelotas, que estão, praticamente, incorporados na sociedade, adquirindo novas vidas e reinventando novos caminhos na pátria que os acolheu.

Nas entrevistas realizadas é possível perceber os diferentes pontos de vista perante um mesmo dilema, como por exemplo, a Ditadura Uruguaia. Para muitos dos entrevistados como relatou o Sr. Juan Carlos Mazzoni, que veio para o Brasil

com 36 anos por razões políticas, “era horrível o clima político, não se tinha liberdade nenhuma, nem de expressão, nem de nada (...)”. Para os entrevistados que moravam no interior e tiveram uma breve passagem por Montevideo, como é o caso da Médica Veterinária Maria Del Carmem González, que veio para o Brasil com 18 anos para fazer faculdade, “Eu sentia medo, não sei se é porque a gente também, eu acho que por ser criada no interior, as informações eram muito poucas, muito vago, acho que até a família escondia um pouco da gente (...)”.

Muitos são os temas que surgem durante as entrevistas, como a militância, o medo, a saudade, a família, entre outros. Quando as entrevistas são analisadas em conjunto ou individualmente, é possível traçar as semelhanças e as divergências de cada uma, o que nos aproxima cada vez mais do resultado almejado.

Entre as dificuldades encontradas está a falta de material fotográfico, já que alguns dos uruguaios que vieram nesse período já faleceram ou mudaram para outros estados da federação. Alguns dos uruguaios que ainda moram em Rio Grande ou Pelotas não querem dar entrevista, pois tiveram experiências muito traumáticas.

Com o auxílio de pesquisa bibliográfica e da análise oral das entrevistas, será possível recuperar a história dessa comunidade e fazer com que suas ações e memória sejam preservadas. Além disso, estamos fazendo observação nos encontros de um grupo de uruguaios que se encontra todas as sextas-feiras à noite para comer, beber e jogar cartas. Nesses encontros o passado é permanentemente atualizado, seja pelas recordações, seja pelas relações estabelecidas anteriormente, ou mesmo por aquelas travadas já no Brasil

Ainda existem algumas entrevistas para serem feitas e analisadas individualmente e depois discutidas com os demais participantes da pesquisa. Desse modo, será possível compreender o afastamento necessário e a tranquilidade adquirida em uma nova pátria.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUINSBERG, Enrique. **Migraciones, exilios y traumas síquicos**. Política y Cultura. Primavera 2005, núm. 23, pp. 161-180.
- MORAES, João Quartim de. **Liberalismo e ditadura no cone sul**. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2001.
- ABADIE, Washington Reyes; MELOGNO, Tabaré. **Crônica general del Uruguay**. Vol 7, tomo 2. Montevideo, Ediciones de La Banda Oriental, 2001.
- AMADO, Janaina. “A culpa de cada dia: Ética e História Oral”, in: **Projeto História**, PUC-SP, São Paulo, 15, pp. 145-155.
- AUGE (Marc) – **Les formes de l’oubli**. Paris, Payot & Rivages, 1998.
- BENEDETTI, Mario. **Geografias**. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2000.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987: 15-21.
- CAETANO, Gerardo; RILLA, José. **Breve historia de la dictadura**. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

CANDAU, Joël. **Antropologia de la memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HUIDOBRO, Eleutério Fernández. **Historia de los Tupamaros**. Montevideo, Ediciones de La Banda Oriental, 1987.

ROUQUIÉ, Alain. **O estado militar na América Latina**. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.